

NOTÍCIA E EDITORIAL: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

NEWS AND EDITORIAL: PROCEDURES OF LINGUISTICS ANALYSIS AND ITS RELATIONSHIP WITH THE CONSTRUCTION SENSE IN JOURNALISTIC GENRE

Maiara Cristina Segato¹

Resumo: *O ensino de língua portuguesa, pautado nos gêneros discursivos, passou a ter como objetivo conceber a prática pedagógica em três eixos interligados e ligados às práticas sociais, ou seja, a leitura, a análise linguística e a produção de texto oral e escrito. A partir do quadro teórico da análise dialógica do discurso, o qual se coaduna aos objetivos do ensino de Língua Portuguesa preconizados nas propostas pedagógico-curriculares nacionais, este artigo descreve uma possibilidade de prática de análise linguística, que visa a contribuir com o desenvolvimento das competências linguísticas e discursivas dos alunos, numa visada reflexiva sobre o estilo verbal concretizado nos gêneros jornalísticos notícia e editorial.*

Palavras-chave: *Gêneros discursivos; Gêneros notícia e editorial; Análise linguística.*

Abstract: *The Portuguese language teaching, based on genres, began to aim to develop the pedagogical practice in three interconnected axes and linked to social practices, ie reading, linguistic analysis and the production of oral text and writing. By the theoretical table of the dialogic analysis of the discourse, which coadunate to the objectives of teaching of Portuguese Language preconized on the national pedagogic curricular purposes, this article describes a possibility of practice of linguistics analysis, which aims to contribute to the development of the linguistics and discursive competences of the students, in a reflexive sighting about the concretized verbal style in the journalistic news and editorial genres.*

Keywords: *Discursive genre; News and editorial genre; Linguistics analysis.*

Introdução

No que diz respeito ao ensino e aprendizagem de língua materna, têm sido desenvolvidos inúmeros trabalhos voltados para o “como”, “quando” e “o que” ensinar em sala de aula. Em tais trabalhos, nos são repetidamente apresentados a importância de se ver a língua como um processo de interação e o principal objetivo do ensino de língua Portuguesa como sendo o de ampliar a competência linguística e discursiva dos alunos, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE): “Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita” (BRASIL, 1998, p. 23).

¹ Docente do Departamento de Humanidades da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/Campo Mourão). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Campo Mourão, Brasil, e-mail: maiarasegatoletras@gmail.com

No entanto, mesmo com as orientações dos PCN e das DCE, professores dos diversos níveis de ensino encontram dificuldades ao utilizar os gêneros como instrumentos didáticos e, com base neles, desenvolver um trabalho com as práticas de leitura, escrita e análise linguística, que devem ser integradas entre si e nas relações sociais, por questões que envolvem múltiplos aspectos, como teóricos, metodológicos, sociais e até econômicos.

Podemos notar que, de certa forma, há um esforço por parte de muitos professores em se adequar ao que sugerem os documentos educacionais norteadores, mas a prática que permeia o cotidiano escolar no ensino da língua portuguesa ainda é pautada nas consagradas normas gramaticais. De fato, o que ocorre é a supressão de conteúdos gramaticais no momento da leitura e produção de textos ou a utilização de texto como pretexto para se ensinar gramática.

Conhecendo a realidade escolar quanto ao ensino de língua materna, nosso propósito, neste trabalho, reside em contribuir com os procedimentos preconizados pelos PCN e DCE, no que se refere à atividade de análise linguística interligada às de leitura e escrita. Contudo, optamos somente pelos eixos análise linguística e leitura. Assim, este estudo compreende o texto quanto ao gênero que o materializa, isto é, quanto às marcas linguísticas vinculadas à forma composicional, ao conteúdo temático e às condições de produção.

Inicialmente, discorreremos sobre a teoria dos gêneros discursivos, bem como sobre as discussões em torno da análise linguística, vinculada à co-produção de sentidos do texto. Por fim, passamos à análise linguística de dois textos da *Folha de São Paulo*, uma notícia e um editorial.

Nosso objetivo nessa análise linguística dos gêneros notícia e editorial é tanto discutir a orientação teórica, a qual sustenta a análise linguística, quanto apresentar uma possibilidade de encaminhamentos práticos para efeito de trabalho em sala de aula. Acreditamos que a análise linguística, no momento da leitura, seja de fundamental importância para o desempenho linguístico e discursivo dos alunos, propiciando o conhecimento do funcionamento da língua e o desenvolvimento do saber escrito, permitindo a prática de produção textual.

1 Ensino na perspectiva dos gêneros discursivos e o trabalho de análise linguística

Para o teórico russo Mikhail Bakhtin (1997), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, em que na interação verbal, cada situação de uso da língua efetiva-se

por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, por meio dos gêneros do discurso, que são produzidos nas infindáveis atividades humanas, em suas mais variadas esferas, e, conseqüentemente, refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Assim, cada esfera da atividade humana elabora tipos específicos de enunciados e cada enunciado constitui-se de marcas específicas da esfera de comunicação no qual está inserido, pois, conforme acrescenta Bakhtin (1997, p. 279), no “todo” desses enunciados há elementos que o compõem e fundem-se indissolúvelmente, sendo estes: “conteúdo temático, estilo e estrutura composicional”. A saber, o conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido de que se ocupa o gênero, o estilo é a seleção de recursos linguísticos específicos de determinado gênero e a estrutura composicional é o modo de organizar e estruturar o texto.

Bakhtin (1997) estabelece em seus postulados que, a partir dos gêneros do discurso, todas as esferas da atividade humana estão ligadas ao emprego da linguagem a partir da interação sociodiscursiva. Para Bronckart (1999, p. 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. E segundo observa Marcuschi (2003), os gêneros e textos são indissociáveis, uma vez que os textos se materializam em diversos gêneros. Portanto, é o conhecimento e o domínio que as pessoas têm, ainda que inconsciente, da variedade e dinamicidade dos gêneros que possibilitam a comunicação verbal nos diversos usos sociais. Nesse sentido, a escola tem a tarefa de ensinar a língua para e nas práticas sociais, já que o conhecimento e a experiência com diversos gêneros permitem a produção e a compreensão de textos orais e escritos.

Em consonância com as ideias bakhtinianas, os PCN (1998) e as DCE (2008) assinalam os gêneros como elementos organizadores do processo discursivo, contribuindo para a efetivação dos objetivos de ensino da disciplina de língua portuguesa, isto é, para o desenvolvimento linguístico e comunicativo dos alunos no processo de interação social. No início dos anos 1980 e, mais precisamente, no final dos anos 1990, as propostas curriculares para o ensino de língua materna no Brasil tem tomado o gênero como “unidade de significação e de ensino, elemento integrador das práticas de leitura, de análise linguística e de produção/refacção textuais” (PERFEITO, 2007, p. 1112):

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de

produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (BRASIL, 1998, p. 27)

Nesse contexto, foi Geraldi (2003), em *O texto na sala de aula*, publicado em 1984, quem propôs uma reorientação do ensino de língua materna, com base na leitura e escrita de textos como práticas sociais significativas, interligadas ao que ele denominou análise linguística, contrapondo-se ao ensino tradicional de gramática, fundamentado na identificação e classificação de palavras, orações e períodos. O autor, ao cunhar o termo, procurou fazer uma distinção entre o que seria um trabalho de metalinguagem (atividade metalinguística) e uma abordagem de reflexão sobre a língua (atividade epilinguística). Tal diferença inicia-se pela própria concepção que embasa o ensino de língua materna, isto é, refletir sobre o que e como ensinar. Desse modo, a análise linguística, constituindo um dos três eixos do ensino, ao lado da leitura e da produção de texto, seria, então, uma prática de “reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar dos fenômenos gramaticais, textuais e discursivos” (MENDONÇA, 2006, p.205).

Geraldi (2003, p. 74) explica que, a análise linguística “inclui tanto o trabalho com questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto”. Para Antunes (2007), nessa perspectiva processual de construção e reflexão sobre os conhecimentos linguísticos, estudar a língua, além da gramática, significa refletir sobre a composição do texto (oral ou escrito) e sua relação com o gênero que o constitui, a situação de produção e de interlocução, a seleção lexical empregada no momento da interação, os mecanismos de textualização utilizados naquele contexto e as regras gramaticais necessárias para a situação de uso da língua.

Sendo assim, a prática de análise linguística consiste numa reflexão sobre a constituição e funcionamento da linguagem, voltada para a produção de sentidos e para a compreensão dos usos linguísticos, a fim de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção de textos (orais e escritos) de gêneros diversos (MENDONÇA, 2006, p. 74).

Para tanto, é preciso que o professor assuma um novo papel, que é o de proporcionar condições para que os alunos saibam refletir sobre a língua e aprendam a usá-la em diversos contextos sociais. Faz-se necessário desligar-se do trabalho tradicional somente com conteúdos gramaticais, seja ele em frases isoladas ou até mesmo em textos, visto que, segundo Antunes (2007, p. 41), “restringir-se, pois, à sua gramática é limitar-se a um de seus

componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e, portanto, falsear a compreensão de suas múltiplas determinações”.

Os textos selecionados como objetos de análise deste trabalho são da *Folha de São Paulo*, uma notícia e um editorial, pertencentes às categorias jornalísticas “informativa e opinativa”, respectivamente, conforme a sistematização feita pelo professor José Marques de Melo (1994, p. 45), pesquisador na área da Comunicação. Escolhemos os dois gêneros pela relação dialógica existente entre eles, pois enquanto a notícia tem a finalidade de relatar com uma pressuposta imparcialidade e compromisso de verdade os acontecimentos do cotidiano de maior relevância, inéditos e de interesse público, o editorial, por meio de um caráter argumentativo, opinativo e crítico, tem sua temática orientada para a manifestação valorativa a respeito de acontecimentos sociopolíticos da atualidade histórica que foram notícia jornalística.

A escolha por esses gêneros também se deu pelo fato de que os textos jornalísticos não são meras reproduções dos acontecimentos e opiniões, uma vez que os meios de comunicação jornalísticos decidem o que “devemos ou não” saber acerca dos fatos ocorridos no mundo. O discurso jornalístico, “sob uma aparente neutralidade”, intervém e influencia no cotidiano social e nos padrões de comportamento da sociedade, constrói a opinião pública, orienta posicionamentos ideológicos e dita regras e valores. Nessa conjuntura, acreditamos que trabalhar com tais gêneros da esfera jornalística, em sala de aula, possa, além de desenvolver habilidades linguísticas e discursivas, ampliar a consciência crítica e reflexiva dos alunos em vista do conteúdo veiculado pela mídia, possibilitando-lhes tornarem-se cidadãos ativos na sociedade.

Considerando a discussão acerca dos gêneros do discurso e da importância da reflexão dos seus elementos linguísticos em sala de aula, esboçaremos, a seguir, a análise linguística dos gêneros jornalísticos notícia e editorial, a qual não se esgota nos elementos aqui abordados, mas que pretende demonstrar, a título de exemplificação, como seria possível orientar-se por essa prática em contexto de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Sendo assim, nos propomos a desenvolver a análise linguística dos gêneros mencionados como uma decorrência do processo instaurado pela leitura dos textos, de forma a analisar os recursos linguísticos utilizados para a construção de sentido, fatores relevantes para a compreensão do textual e para o funcionamento do gênero.

2 Análise linguística da notícia e do editorial da *Folha de São Paulo*

2.1 A notícia

A notícia selecionada “Conflito entre 300 deixa um morto a tiro” relata o confronto ocorrido entre os membros de torcidas organizadas dos times Corinthians e Palmeiras no domingo, 25 de março de 2012, na Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo, horas antes do clássico no Pacaembu, pelo Campeonato Paulista, em que um dos membros da torcida Mancha Verde foi baleado na cabeça e, logo após, morre com perda encefálica.

A partir do título começa-se a chamar atenção para a composição e dimensão do fato ou evento violento que será relatado no corpo da notícia. A locução adverbial de modo “a tiro” explicita a maneira como uma pessoa é morta em meio a um conflito que envolveu 300. Notemos que não há um complemento aos números, como poderia ocorrer em 300 torcedores e um jovem. Os numerais não são especificados, porque essa incompletude está a serviço de que o título da notícia cumpra sua função de instigar o leitor a se interessar pelo fato.

O mesmo recurso suspensivo, quanto às informações, continua no subtítulo do texto “Um ano após irmão ser baleado também antes de um clássico, palmeirense é atingido na cabeça”. Uma relação temporal é estabelecida a partir do uso de “um ano após”. O conteúdo do subtítulo resume uma história que envolve a vida de dois irmãos. O operador “também” assinala que um fato se repete, possibilitando que o leitor possa inferir que o palmeirense foi baleado num evento semelhante.

O lide da notícia é apresentado com dois fatos interligados, relatados lado a lado, ou seja, os dois confrontos ocorridos entre as torcidas, em agosto de 2011 e março de 2012. Para chamar a atenção sobre a repetição do fato a ser noticiado, utiliza-se a mesma estrutura sintática. Esse é o efeito de sentido quase que irônico produzido pelo uso desse paralelismo sintático. “Horas antes” – adjunto adverbial de tempo, “em Presidente Prudente” – adjunto adverbial de lugar, “o balconista palmeirense Lucas Alves Lezo” – sujeito (qualificado pelo adjunto adnominal), “levou” – verbo transitivo, “um tiro” – objeto direto, “após confronto com policiais” – adjunto adverbial de tempo. A mesma estrutura se repete no relato do fato que sucede, com exceção do adjunto adverbial de tempo “ontem”, intercalado por vírgulas. Então, tem-se a repetição de um fato, mas a presença do adjunto adverbial “ontem” na segunda construção evidencia a sua atualidade.

É importante notar que, para a gramática normativa, o adjunto adverbial é um termo acessório, mas se analisarmos a presença deles nos dois enunciados, perceberemos que tanto em um quanto em outro, o paralelismo sintático que se dá, a partir do uso repetido desse recurso linguístico, produz um importante efeito de sentido: uma mesma história se repete. Em sua aparente neutralidade, a justaposição dos fatos mostra a estreita relação entre eles e começa a apontar para a discussão que mais tarde será realizada no editorial, agora com inserção opinativa.

No primeiro parágrafo do corpo da matéria, a notícia propriamente dita, o jornalista esclarece quem foi o sujeito que morreu “a tiro” no confronto entre as torcidas. O enunciador, ao se referir ao irmão da vítima, utiliza o aposto “o palmeirense que foi baleado e se salvou” e, na sequência, os adjuntos adverbiais de tempo e lugar “ano passado, em Prudente”. Aqui, esses recursos são extremamente relevantes, pois retomam a relação entre os dois fatos justapostos no lide, remetendo ao primeiro fato. No segundo parágrafo, novamente é utilizado o adjunto adverbial de tempo, “na manhã de ontem”, para situar o leitor com precisão sobre o tempo do acontecimento, agora remetendo ao fato atual. Nessa notícia, assim como em todo texto noticioso, todas as instruções de sentido relacionadas a tempo e lugar são importantes, já que tal gênero precisa oferecer o máximo de informações possíveis para que pareça verdadeiro e produza o “efeito de real” (GRILLO, 2004).

Na linha 11, em a “polícia suspeita que” tem-se a oração subordinada substantiva objetiva direta (o sentido é de objeto direto) para introduzir a voz da polícia – recurso comum de introdução de voz na notícia. Esse gênero se configura como marcadamente polifônico, uma vez que o enunciador utiliza vozes de outrem, que representam, muitas vezes, a voz de uma testemunha do fato ou de uma autoridade para conferir maior credibilidade e veracidade à notícia. Em síntese, o enunciador se apropria dos discursos alheios para legitimar as características do texto noticioso e para validar a posição de “neutralidade” do texto/jornal.

Na linguagem jornalística, conforme Benites (2002), há um tipo de procedimento discursivo muito comum, isto é, a estratégia de relatar o discurso de outrem, que pode ser feita de duas formas: por meio da reprodução da fala da pessoa envolvida – discurso direto, ou por meio do relato da fala feito pelo jornalista, como uma espécie de paráfrase da fala do outro – discurso indireto. No discurso direto, elas são marcadas a partir do aspeamento e dos verbos delocutivos. Já no discurso indireto, o discurso citado é sempre introduzido pelo verbo delocutivo. Ainda segundo a autora, esses verbos, os delocutivos, geralmente, se apresentam revestidos de traços de apreciação valorativa, nos mostrando a impossibilidade de apresentar

ao leitor um relato objetivo e distante dos fatos, isento de avaliações pessoais ou julgamentos. Sendo assim, no enunciado “A polícia suspeita que” tem-se, aqui, a recorrência a voz do outro, introduzida pelo verbo delocutivo “suspeitar”.

No 3º parágrafo, em “O tumulto ocorreu na avenida Inajar de Souza, no bairro do Limão, a 8 km do Pacaembu”, mais uma vez são empregados os adjuntos adverbiais para especificar o local exato da tragédia. E, após determinar o local e data e discorrer sobre o fato e a vítima do fato, somente no 4º parágrafo, linha 16, o jornalista especifica quem eram os 300 mencionados no título: “Eram cerca de 300 corintianos e palmeirenses”. Em seguida, em “de acordo com a polícia”, ocorre uma construção chamada de discurso segundo, a qual, conforme Grillo (2004, p. 116), sua especificidade é a modalização “pelo envio a um outro discurso”. O locutor faz a inserção da voz da polícia para ancorar a sua afirmação e garantir, mais uma vez, veracidade.

Além dos adjuntos adverbiais de tempo e lugar, nota-se também a presença de adjuntos adverbiais de instrumento, no 5º parágrafo, “com armas de fogo, pedaços de paus, pedras e barras de ferro”, para relatar com minúcias os instrumentos utilizados no confronto.

No 7º parágrafo, no enunciado “O porta-voz da PM, major Marcel Soffner, disse que” observa-se a presença do aposto “major Marcel Soffner”, o qual confere uma explicação, legitimando a função de informar no relato de fato. Na sequência, nota-se a presença da oração subordinada substantiva objetiva direta, novamente, para introduzir a voz da polícia e, conforme Benites (2002), nesse caso, há a presença do discurso indireto introduzido pelo verbo delocutivo “dizer”, marcando a voz de uma autoridade. O mesmo acontece nos enunciados “Soffner disse”, linha 36, e “A mancha Alviverde afirmou”, linha 39. Segundo a autora, os verbos delocutivos “dizer” e “afirmar” criam um efeito de neutralidade em relação ao discurso veiculado.

Para especificar quem eram os sujeitos encaminhados ao distrito policial, o enunciador, no 9º parágrafo, utiliza a oração adjetiva explicativa reduzida de particípio “ligados à torcida do Palmeiras”. Tais sujeitos foram tidos como suspeitos, pois conforme esclarece o jornalista ao recorrer, indiretamente, ao discurso alheio: “Moradores apontavam a participação deles no tiroteio”. Na linha 32 do mesmo parágrafo, em “exame residuográfico (que apura vestígios de pólvora)”, o uso de parênteses ocorre para introduzir conteúdo explicativo sobre “residuográfico”, que, além de clarificar a informação ao leitor, corrobora com o cumprimento da função social do texto.

No 10º parágrafo, no enunciado “A Polícia Civil deve investigar”, observa-se no modalizador verbal “deve” uma possibilidade com tom de obrigatoriedade, já que é esta a função da polícia: apurar os fatos.

Por fim, tem-se o 13º parágrafo: “Nós saímos do estádio desolados. Era um amigo muito querido por todos, jovem, estudante de engenharia. Estamos todos abalados”, contou André Guerra, ex-presidente da organizada”. O jornalista encerra a notícia recorrendo à voz de uma importante testemunha, por meio do discurso direto, para reforçar a postura de neutralidade e legitimidade do fato/fala.

Importante notar que a notícia se inicia com dois acontecimentos justapostos, um fato atual como consequência de um fato anterior. E ao terminar a notícia com a voz de uma testemunha, o jornalista remete ao início do texto quanto ao revide, deixando subtender ao leitor que há a possibilidade de haver um novo confronto com base no atual.

2.2 O editorial

Percebemos que há um estreitamento de fronteiras entre a notícia e o editorial selecionados, pois o editorial da *Folha*, “Pacificar o futebol”, publicado no dia 27 de março de 2012, opina a respeito da notícia “Conflito entre 300 deixa um morto a tiro”, veiculada no dia anterior, resgatando dialogicamente o tema da notícia. Tanto a notícia quanto o editorial tematizam sobre o confronto entre os torcedores do Corinthians e Palmeiras.

O editorial por ser um gênero de natureza argumentativa, prima pela construção de um ponto de vista, que será sustentado por argumentos, a fim de persuadir o público leitor das “verdades” defendidas pelo jornal. Para tanto, o editorialista utiliza alguns componentes linguísticos, condicionados pelo efeito de sentido que quer produzir, considerando os interlocutores previstos, a ideologia e o contexto sócio-histórico.

O sujeito “A morte de um torcedor”, 1º parágrafo, seguido de um adjunto adverbial de tempo está ligado ao predicativo desse sujeito “mais uma tragédia”, pressupondo a existência de muitas outras tragédias que necessitam de atitudes do Governo. Para especificar o sentido de tragédia, o recurso utilizado é uma oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo, que se realiza em “a clamar”, mostrando que o “clamor” é um anseio coletivo para tomada de atitudes dos órgãos responsáveis em relação à violência. O mesmo efeito de sentido não seria obtido se o jornal tivesse linguisticamente optado pela construção desenvolvida, como seria em “a tragédia que clama”. A forma verbal infinitiva chama atenção

para a própria ação e não para o conteúdo especificado, atribuindo força aos argumentos que a sucederão para complemento de seu sentido.

Em termos sintáticos, no 2º parágrafo, o período “É correta, portanto, a decisão da Federação Paulista de Futebol” é iniciado com o verbo de ligação seguido de predicado, marcando a inversão da ordem natural da sentença. O efeito de sentido mais evidente desse recurso é o da avaliação, da qualificação, que geralmente é utilizado para apresentar o ponto de vista do editorial. Esse efeito de avaliação ou de qualificação do sujeito “a decisão da Federação Paulista de Futebol de banir as torcidas Mancha Alviverde e Gaviões da Fiel dos estádios” é reforçado, quando, a partir da inversão, ocorre ainda uma intercalação entre o predicativo e o sujeito, por meio da conjunção ou operador conclusivo “portanto”. Nesse enunciado, o editorialista se põe a favor da reação de uma autoridade. O autor do texto se alia ao discurso da Federação Paulista de Futebol de banir as torcidas Mancha Alviverde e Gaviões da Fiel dos estádios.

No 3º parágrafo, o enunciado “Os responsáveis pela segurança pública” marca a presença de voz de autoridade, a qual o enunciador utiliza para fundamentar a sua opinião. Conforme Barros (2003, p. 6), segundo as estratégias discursivas acionadas, há textos polifônicos e monofônicos. Nos textos polifônicos as vozes se mostram, já nos monofônicos elas se ocultam sob a aparência de uma única voz. Nesse sentido, o discurso do editorial é aparentemente monofônico, no entanto, ao apresentar sua opinião, por meio da argumentação, incorpora o já-dito, ou seja, várias vozes participam da construção da posição do editorialista. Para isso, ele lança mão de uma estratégia argumentativa bastante usada nesse gênero, que é o argumento de autoridade, normalmente, vindo de especialistas no assunto tratado ou de instituições sociais. Esse recurso característico, conforme Benites (2002), “discurso citado de autoridade”, traz discursos de outras esferas, de forma explícita ou não, para validar o posicionamento enunciativo, no caso do editorial, convencer o leitor em relação ao ponto de vista do editorialista. Para Rodrigues (2005), os dados, opiniões, e fatos com os quais o autor mantém relações dialógicas dão corporeidade a sua opinião. A voz do outro é incorporada para dar garantia à posição do jornal.

A partir do enunciado, na linha 8, “Faltam, contudo, instrumentos para atuação mais eficaz”, evidencia-se o fato de “Os responsáveis pela segurança pública” terem consciência do problema da segurança nos estádios. No entanto, a forma verbal “faltam”, que não é imediatamente completada devido à presença da conjunção adversativa “contudo”, mais uma vez chama atenção a partir de seu uso tópico, para o próprio sentido de “faltar”, deixando

claro que apesar de reconhecerem o problema, ainda faltam recursos para acabar com a violência. Isso porque, na sequência argumentativa, o editorial discutirá justamente o que pode ocorrer na realização da copa de 2014 em decorrência da falta de “instrumentos para atuação mais eficaz”.

No 4º parágrafo, a locução verbal “pode ser”, marcando certo distanciamento do jornal, tem sentido modalizador de possibilidade sobre uma eventual mudança na atitude dos órgãos responsáveis pela segurança pública devido à Copa do Mundo de 2014, e a oração adjetiva explicativa “que é antigo e não afeta só o Brasil”, especifica o sentido de “problema”, preparando mais uma vez a discussão que sucede esse enunciado, a qual relatará experiências de contenção de violência em outros países.

Ainda nesse parágrafo, a oração subordinada substantiva objetiva direta que completaria o sentido de “A experiência internacional demonstra que”, se realiza depois de ser entrecortada por outro argumento: “apesar da dificuldade de combater esse fenômeno difuso”. Esse argumento, por sua vez, remonta à discussão anterior de que o problema da violência nos estádios pode ser observado em vários lugares do mundo. Finalmente, a oração principal tem seu sentido completado em “é possível reduzir de forma significativa os confrontos, tanto nos estádios quanto em espaços públicos”. “É possível” mais uma vez retoma a instrução de sentido avaliativa, de possibilidade, funcionando como expressão modalizadora.

No 5º parágrafo, o editorialista recorre a um regaste histórico para a fundamentação da opinião, apontando os britânicos como pioneiros em tomar atitudes para combater a violência nos estádios. A oração apositiva “os chamados “hooligans” (arruaceiros)” explica quem eram os “torcedores truculentos” e ainda situa o leitor historicamente. Nessa oração apositiva, as aspas no termo “hooligans” e “arruaceiros”, entre parênteses, servem para, além de explicar quem eram os “hooligans”, dar um tom irônico e ridicularizar a torcida.

A finalidade das providências tomadas pelos britânicos se realiza no 6º parágrafo, na oração subordinada adverbial final “para frear a violência”. Esse parágrafo é concluído com uma informação fulcral que, além de sustentar a opinião da *Folha*, indica caminhos e soluções, ancorados em exemplos concretos, isto é, as providências tomadas pelos britânicos: “leis específicas, com sanções para delitos vinculados ao esporte”. Daqui em diante, será uma tarefa do editorialista, em tom sugestivo e crítico, relatar as experiências efetivadas na Inglaterra e que ainda não ocorrem no Brasil.

No 7º parágrafo, o operador argumentativo “além de” ressalta o conteúdo mais forte da lei “a legislação prevê o banimento dos estádios”. Em “por até dez anos”, o operador argumentativo de pressuposição “até” ressalta o argumento da quantidade de tempo que pode ter a penalidade. Na sequência, uma oração subordinada adverbial condicional introduz conteúdo informativo sobre o que pode acontecer com os reincidentes. Mais uma vez a locução adverbial modalizadora de possibilidade é utilizada para apontar possibilidades de punição, conforme se pode observar em “Se reincidentes, a punição pode ser perpétua”.

O 8º parágrafo é iniciado com uma oração adverbial final, cujo objetivo no funcionamento discursivo é apontar formas para identificação dos delinquentes nos estádios, conforme se observa no conteúdo de “implantar sistemas de vigilância por câmera nos estádios”. O enunciador qualifica os torcedores violentos como “delinquentes”, marcando sua opinião, visto que a adjetivação indica traços de subjetividade, mas a voz passiva sintética “tornou-se” é utilizada para provocar o efeito de distanciamento do jornal no tocante à própria opinião. Em seguida, o advérbio de lugar “lá” funciona como forma dêitica que retoma “na Inglaterra”. O efeito de sentido de seu uso é amplo, porque o editorialista, no 9º parágrafo, a partir de “lá”, chama a atenção para o que não ocorre “por aqui” – no Brasil.

Por fim, no 10º parágrafo, o jornal delega a quem compete a responsabilidade de zelar pela segurança nos estádios. Por meio da forma verbal transitiva indireta “cabe”, ele anuncia: “Cabe ao Ministério do Esporte e às autoridades da segurança pública tomar as providências”. A finalidade das providências se realiza na subordinada adverbial final “para que o país possa, até 2014, enfim pacificar o futebol”. O adjunto adverbial de tempo “até 2014” entrecorta o complemento de “possa” e traz novamente à tona a questão da realização da Copa do mundo, argumento chave que o jornal adota para defender a urgência das providências que devem ser tomadas para sanar a violência nos estádios.

Nesse enunciado, além de recorrer à voz de outrem, isto é, “citação de autoridade” para fundamentar a opinião, o editorialista, segundo Melo (1994, p. 97), “encerra uma relação de diálogo com o Estado”, embora se dirija formalmente à opinião pública, deixando claro que não se trata de expor as opiniões e reivindicações da sociedade, mas sim uma defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam.

Conclusão

Procuramos mostrar neste trabalho, a partir da análise linguística da notícia e do editorial da Folha de São Paulo, uma alternativa de encaminhamento teórico-metodológico que contempla os recursos linguísticos e enunciativos empregados na construção de sentido dos textos.

Trabalhar o texto através da prática de leitura e de análise linguística, cujo eixo de articulação é o gênero discursivo, pode ser, de fato, uma perspectiva eficaz para o ensino de Língua Portuguesa, pois permite que o aluno atente para aspectos relevantes que dizem respeito às competências linguística e discursiva.

Referências

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, p. 1-9.
- BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: Núcleo editorial Proleitura, 2002.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L.P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, p.11-27.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ SEF. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Conflito entre 300 deixa um morto a tiro**. Edição on line de 26/03/12. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/33564-conflito-entre-300-deixa-um-morto-a-tiro.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2012.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Pacificar o futebol**. Edição on line de 27/03/12. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/33659-pacificar-o-futebol.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2012.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GRILLO, S. V. C. **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2003.

MELO, J. M. de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-226.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa**. SETI, Curitiba – PR, 2008.

PERFEITO, A. M. Leitura e análise linguística: Editoriais. In: **CELLI** – Colóquio de estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1112-1124.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

VIEIRA, R. M. M. O editorial de jornal. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (Org.). **Nos domínios dos gêneros textuais**. Belo horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 15-20.

ANEXO 1

São Paulo, segunda-feira, 26 de março de 2012 **FOLHA DE S.PAULO esporte**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Conflito entre 300 deixa um morto a tiro

Um ano após irmão ser baleado também antes de um clássico, palmeirense é atingido na cabeça

DE SÃO PAULO

1Agosto de 2011: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, em Presidente

2Prudente, o balconista palmeirense Lucas Alves Lezo levou um tiro após

3confronto com policiais, ficou dois dias internado e recebeu alta.

4Março de 2012: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, ontem, em São

5Paulo, o estudante palmeirense André Alves Lezo levou um tiro após

6confronto com corintianos.

7André morreu ontem por volta das 21h. Estudava engenharia civil na Uninove.

8Era irmão de Lucas, o palmeirense que foi baleado e se salvou, ano passado,

9em Prudente, e que se tornaria o atual vice-presidente da torcida organizada

10Mancha Alviverde.

11Tudo aconteceu na manhã de ontem. A polícia suspeita que o confronto

12pode ter sido agendado pela internet.

13André levou um tiro na cabeça e perdeu massa encefálica. Passou toda a

14tarde e início da noite internado. O tumulto ocorreu na avenida Inajar de

15Souza, no bairro do Limão, a 8 km do Pacaembu.

16Eram cerca de 300 corintianos e palmeirenses, de acordo com a polícia. Seis

17outras pessoas ficaram feridas.

18Os torcedores rivais se enfrentaram com armas de fogo, pedaços de paus,

19pedras e barras de ferro. Duas pessoas foram baleadas. Um rapaz de 23

20anos foi atingido na bacia. O outro foi Lezo.

21Um rapaz de 27 anos foi ferido com uma barra de ferro na cabeça. Estava

22internado com traumatismo craniano.

23O porta-voz da PM, major Marcel Soffner, disse que a corporação foi

24informada, por volta das 9h, de uma concentração de mais de 200

25palmeirenses na avenida.

26Duas equipes foram enviadas ao local para fazer o acompanhamento, como

27é praxe em dias de clássico. Uma hora depois, porém, um grande grupo de

28corintianos chegou à avenida e começou o tumulto. Foi chamado reforço de

29policiais.

30Dois suspeitos, ligados à torcida do Palmeiras, foram encaminhados ao

31distrito policial. Moradores apontavam a participação deles no tiroteio. Como

32nenhuma arma foi localizada, ambos foram submetidos a exame

33residuográfico (que apura vestígios de pólvora) e liberados.

34A Polícia Civil deve investigar a participação dos dois na briga e se o

35confronto foi agendado pela internet.

36Soffner disse que se suspeita do agendamento em razão da enorme

37 quantidade de barras apreendidas. Numa briga casual, não seria possível
38 encontrar tantas.
39 A Mancha Alviverde informou que pretende se manifestar hoje sobre o fato.
40 Nas redes sociais, muitas mensagens de apoio a André foram deixadas por
41 palmeirenses.
42 "Nós saímos do estádio desolados. Era um amigo muito querido por todos,
43 jovem, estudante de engenharia. Estamos todos abalados", contou André
44 Guerra, ex-presidente da organizada.
(LR E MR)

ANEXO 2

São Paulo, terça-feira, 27 de março de 2012 FOLHA DE S. PAULO **opinião**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Editoriais

editoriais@uol.com.br

Pacificar o futebol

1 A morte de um torcedor durante conflito de rua entre adeptos de Palmeiras e
2 Corinthians é mais uma tragédia a clamar por medidas enérgicas do poder
3 público e das entidades esportivas para conter a violência no futebol.

4 É correta, portanto, a decisão da Federação Paulista de Futebol de banir as
5 torcidas Mancha Alviverde e Gaviões da Fiel dos estádios, até que seja
6 esclarecida sua participação no bárbaro episódio.

7 Os responsáveis pela segurança pública em São Paulo e em outros Estados
8 têm se mostrado sensíveis ao problema. Faltam, contudo, instrumentos para
9 atuação mais eficaz.

10 A realização da Copa do Mundo de 2014 no país pode ser o incentivo até
11 aqui ausente para enfrentar o problema, que é antigo e não afeta só o Brasil.

12 A experiência internacional demonstra que, apesar da dificuldade de
13 combater esse fenômeno difuso, é possível reduzir de forma significativa os

14confrontos, tanto nos estádios quanto em espaços públicos.
15Os pioneiros nesse esforço foram os britânicos, após grave tumulto na
16Bélgica, em 1985, patrocinado por torcedores truculentos -os chamados
17"hooligans" (arruaceiros). Naquela ocasião, 39 pessoas morreram pouco
18antes da partida final da Copa dos Campeões da Europa, entre o Liverpool,
19da Inglaterra, e a Juventus, da Itália.
20Depois de retirar seus clubes das competições continentais por cinco anos,
21os britânicos tomaram várias providências para frear a violência. A principal
22foram leis específicas, com sanções para delitos vinculados ao esporte.
23Além de penas de prisão ou serviço comunitário, a legislação prevê o
24banimento dos estádios, por até dez anos, de torcedores flagrados em
25conflitos. Se reincidentes, a punição pode ser perpétua.
26Para identificar os delinquentes, tornou-se obrigatório, lá, implantar sistemas
27de vigilância por câmera nos estádios - como o que se encontra em teste no
28Pacaembu. Os torcedores envolvidos em brigas têm de comparecer a
29distritos policiais nos dias de jogo. Paralelamente, a polícia recebeu
30treinamento para atuar de modo mais seletivo e inteligente na repressão.
31Por aqui, há também que chamar os clubes à responsabilidade. Suas
32diretorias precisam pôr fim às benesses e aos conluíus com torcidas
33organizadas, muitas delas notórias adeptas do vandalismo.
34Cabe ao Ministério do Esporte e às autoridades da segurança pública
35tomar as providências para que o país possa, até 2014, enfim pacificar o
36futebol.

Data de recebimento: 30 de junho de 2016.

Data de aceite: 29 de agosto de 2016.